

MIRANDA DE ANDRADE

Uma Tarde,  
no Bairro Latino

SEPARATA DA REVISTA QVATRO VENTOS, n.º 4-6 1955



BRAGA—1955

3)  
21.134.3-9Andrade  
ND



MIRANDA DE ANDRADE

*A Biblioteca Municipal  
de Barcelos*

**Uma Tarde,** *Miranda de*  
**no Bairro Latino**

SEPARATA DA REVISTA QUATRO VENTOS, n.º 4-6 1955



*Barcelosa Perm.*

BRAGA—1955



A «rive gauche» é lugar propício para as peregrinações de Arte e de História. Dum lado e do outro do bulevar Saint-Michel, são muitas e tentadoras as preciosidades artísticas e arquitectónicas. À direita, fulguram, em linha contínua, desde as vizinhanças do Sena, o palácio do Instituto, a Escola das Belas-Artes, a velhíssima igreja de Saint-Germain-des-Prés, a igreja de S. Sulpício, o palácio e o museu do Luxemburgo. Mas, neste dia, deixo-me seduzir, preferentemente, pelas jóias que se

situam à esquerda do bulevar, que liga a Cité a Montparnasse como um dos eixos centrais da vastíssima metrópole.

E, assim, por um dedalo de ruas que se cruzam e entrecruzam dentro dum semi-círculo formado pelo bulevar, que serve de diâmetro, pelos cais Saint-Michel e Montebello, pela rua Monge e pelo bulevar do Port-Royal, levantam-se e vêm-se com prazer, subindo suavemente a colina de Santa Genoveva, a igreja de Saint-Julien-le-Pauvre, a igreja gótica de Saint-Séverin, o museu de Cluny, — com os terrenos do claustro Presentemente revolvidos por escavações —, a Sorbonne, o templo de Saint-Étienne-du-Mont, o Panteão e, mais longe, a igreja e hospital do Val-de-Grâce.

Estou em pleno Bairro



Paris — O PANTEÃO

Linóleo de Roby Amorim

Latino. E, para não serem apenas os edifícios e os monumentos a recordá-lo, aqui estão também a lembrar-mo a rua Soufflot, a rua Saint-Jacques e esta rua des Écoles, onde residiu, devorado de febre e de saudades da Pátria, o nosso António Nobre, estudante de Direito e já mestre de Poesia, de grandes olhos negros nostálgicos, magro como um choupo e não podendo suportar a vizinhança do Panteão, porque Voltaire, lá sepultado, — dizia ele —, toda a noite ressonava e não o deixava dormir...

Percorro, com lentos vagares, este local de Paris — um dos mais encantadores e atraentes, hoje excessivamente tranquilo, porque os parisienses consideram a Segunda-feira de Páscoa dia de festa e, respeitando a tradição, a religiosidade do dia, não trabalham e ficam em casa. Por isso, é quase nulo o movimento nas ruas, nesta tarde que me ficará na memória como uma longa tela pintada a negro e oiro, de tal modo abunda a cor preta dos edifícios e os raios fulvos do Sol se entretêm a cobrir fachadas de prédios e trechos de ruas com o manto doirado de luz que trazem do céu...

Noutros dias, o fervilhar de gente é intenso e constante, porque este é o bairro das escolas, frequentadíssimo por jovens de todos os pontos do globo, que a este santuário do Espírito vêm buscar ilustração e ensino, como outrora, noutras épocas e civilizações, se buscavam nas escolas prestigiosas de Atenas, Pérgamo e Alexandria. Cidadela do Espírito dentro da cidade imensa, é também, pelos seus sábios, pelos seus homens de letras, pelos seus artistas, a metrópole universal do Espírito. Aqui vive, estuda, sente e produz o Paris intelectual. Desde as Faculdades de Ciências e Letras instaladas na Sorbonne, a Faculdade de Direito, a Biblioteca de Santa Genoveva, o Colégio de França, os Institutos de investigação científica, os Museus, até aos liceus de Henrique IV, Luis-o-Grande e S. Luis — é todo um mundo que trabalha, investiga e pensa, outro que se forma e alarga os horizontes da sua cultura pela lição de sábios e professores superiores, e outro ainda, efervescente e borbulhante, que se agita por *ateliers* e cafés, num choque, saudável e útil, de ideias, sonhos e aspirações... Aqui se fazem e desfazem escolas literárias e artísticas, aqui se criam novas teorias científicas, aqui brotam essas correntes do pensamento que se espraiam pelo mundo fora e são como novos surtos e novos rumos na vida espiritual da Humanidade.

Quantas dessas escolas e ideologias não surgiram em cafés deste Bairro, que se tornaram famosos não só pela vida intelectual que os animou como pelas figuras de destacado relevo que os frequentaram: *La Closerie des Lilas*, onde aparecia sempre Verlaine, a pontificar e a beber absinto, embrulhado no seu «macfarlane», no seu «cache-nez», vaga-

bundo genial destas ruas e dos «bistros» que as povoam; o *Vachette*, no ângulo do bulevar Saint-Michel com a rua des Écoles, onde todos os dias vinha sentar-se, com o seu monóculo cintilante, a sua «verve», o seu charuto e os seus versos, Jean Moréas e, com ele, ex-simbolista, os poetas da sua nova escola — a neo-clássica; a *Taverne du Panthéon*, onde se reuniam os jovens literatos dos princípios do século; o *Soufflot*, que pertencia à fantasia e à ironia de Raoul Ponchon e de seus adeptos; o *Source*, o *d'Harcourt* e outros que já desapareceram, como aqueles, mas ficaram na tradição literária de Paris.

Passa depressa o tempo. E embora pululem por esta parte do Bairro Latino os cafés e os «bistros», onde vejo juntar-se, dentro ou cá fora nos terraços, multidão heterogénea de rapazes e raparigas, — estudantes e artistas seguramente, — é para a banda ocidental dele, para os lados de Saint-Germain-des-Prés, que a tradição dos cafés, interrompida pela última guerra, se reatou. Aí, nas suas caves, cervejarias e bares, dá o tom da actualidade uma juventude intelectual que tomou por guias Sartre e Simone de Beauvoir e discute os mestres ou os precursores do existencialismo. Veste-se de modo extravagante, fala de Kirkegaard e de Heidegger, bebe ou dança, sem entusiasmo ou com desespero, nos terraços e nas caves existencialistas do *Café de Flore*, dos *Deux Magots*, — onde ainda se senta André Breton, um dos chefes do super-realismo —, do *Lipp*, do *Tabou*, do *Rose Rouge*, do *Club de Saint-Germain-des-Prés*,...

Paira, pairou sempre, neste Bairro, um espírito de boémia e de irreverência, ora envolto no irrequietismo de um Villon, ora na capa romântica de um Murger. Mas a par, ou concomitantemente com esse espírito, têm vivido o estudo e a reflexão, a investigação paciente e o ensino de muitos sábios, à sombra augusta da Sorbonne e do Panteão: letrados, historiadores, físicos, biólogos, cujos nomes ilustram ruas e praças do bairro mais intelectual de Paris: rua Buffon, praça Jussieu, rua Pascal, rua Berthelot, rua Gay-Lussac, rua Augusto Comte, rua Pasteur, rua Claude Bernard... Já o notara o poeta:

*Chaque rue a le nom d'un docteur, d'un lettré, | d'un grand historien ou d'un vieil humaniste, | d'un savant physicien ou d'un naturaliste...*

\* \* \*

Desde o pequeno edifício românico-gótico de Saint-Julien-le-Pauvre, que foi na Idade Média sede das assembleias gerais da Universidade, até ao Val-de-Grâce e ao Panteão, que já se avizinham dos tempos modernos, é uma caminhada emocionante através da História e da Arte, — uma

caminhada que parte do século XII, com a simplicidade do românico, até à riqueza magnificente do XVIII, com as linhas hieráticas e solenes do estilo neo-grego.

Três cúpulas dão gravidade e prestígio ao *Quartier*: a da igreja do Val-de-Grâce, fundada por Ana de Áustria e construída por Mansart e Lemercier; a da igreja da Sorbonne, que guarda o túmulo de Richelieu, seu fundador, e a do Panteão, que sobe arrojadamente no ar e domina toda esta parte da cidade com os seus oitenta metros de altura. O gosto da cúpula foi trazido de Roma, no século XVII, para substituir os campanários, e não se pode negar que ela dá ao edifício ou ao templo certa imponência grave, que já os franceses classificaram de «*redondance décorative*».

À esquerda do Panteão, num ambiente evocador, em que não faltam mesmo, nas ruas, os nomes históricos e remotos de Clóvis e Clotilde, ergue-se a curiosa fachada triangular da igreja de Saint-Étienne-du-Mont, onde a fantasia dos artistas se entreteve a compor um monumento híbrido, talvez no propósito de tentarem uma conciliação de estilos díspares: o ogival, o do Renascimento e o clássico. Um campanário fino e alto, no flanco, sobrepuja toda a massa arquitectónica, mas o que o seu exterior forneceu de maior encanto aos meus olhos foram essas quatro colunas da frontaria, de invulgar formosura, caneladas, de anéis paralelos e trabalhados, como ainda não tinha visto em Paris. Porque àquela hora estava fechada, tive a mágoa de não entrar na igreja, não só para admirar a sua preciosa galeria do século XVI, mas também para ver os fragmentos do túmulo de Santa Geneveva — «*la châsse*» — e os túmulos que conservam as cinzas de Pascal e de Racine.

E eis-me diante do grande monumento de Soufflot — o Panteão. Situado ao fundo da rua que tem o nome do seu architecto, numa linda perspectiva, que é muito semelhante à da Madalena vista da Concórdia, embora menos opulenta, é obra da segunda metade do século XVIII. Composta essencialmente de três partes, — a cúpula romana, a colunata circular, que dá altura e leveza ao edifício, e a fachada, de estilo neo-clássico, — ergue-se a poderosa mole no cimo da colina de Santa Geneveva, destinada, de início, a substituir a antiga igreja consagrada à padroeira de Paris. Vinte e seis anos durou a construção, mas, por fim, os ares prenunciadores da Revolução fizeram-na ter outro destino: — aquele que, abaixo do frontão triangular, ilustrado por David d'Angers, se lê em grandes letras: «*Aux grands hommes la Patrie reconnaissante*».

Lá dentro, para além das seis elegantíssimas colunas que sustentam o frontão, têm, com efeito, a sua jazida tumular alguns dos maiores homens

da França. Antes, porém, de fazer-se-lhes a reverência, deliciam-se os olhos com as admiráveis pinturas murais, os *frescos* de Puvis de Chavanne, que enriquecem e enobrecem o interior do monumento. São, geralmente, motivos históricos, arrancados ao passado da França e da sua capital.

É frio o ambiente... Só quando os visitantes atingem certo número é que um guarda, de grossas chaves tilintantes, se aproxima e os conduz à cripta, onde, em celas sucessivas e tristes, repousam os envólucros mortais dalguns franceses imortais: Rousseau, Voltaire, Carnot, Vitor Hugo, Berthelot, Zola, Jaurès... O cicerone, rapidamente, como se tivesse pressa em terminar a lenga-lenga ou o trabalho, lança para o ar, naquela semi-obscuridade, os traços biográficos de cada um dos homens ilustres que ali jazem. Não desejo ouvi-lo. Afasto-me para me concentrar melhor e meditar sobre os Génios que animaram os despojos ali presentes e deixaram à Humanidade, em testamento perpétuo, algumas das mais altas expressões da Poesia, do Ritmo, do Espírito, do Pensamento.

Para os franceses, estas devem ser das maiores glórias da sua pátria, tão fecunda em grandes homens. Ali estão os seus grandes Mortos? Ali jaz também, mas bem vivo, o seu imenso e justificadíssimo Orgulho.

Saio da cripta, escura e húmida, e deparo, sob a enorme cúpula, com um grupo escultório, de extraordinárias dimensões, impressionante de força, energia e grandeza. Orna-o uma divisa que me detém a atenção e jamais esquecerei por ser uma síntese da alma francesa, um grito de independência e de patriotismo, um protesto indeclinável do homem moderno, uma afirmação veemente da consciência humana — divisa que bem resume, afinal, a vida e a mensagem dos franceses que ali dormem o eterno sono. E dessa divisa, que leio impressionado, — «Vivre libre ou mourir» — orgulha-se a França, tanto ou mais do que dos seus Grandes Homens.

C. M. B.  
BIBLIOTECA





biblioteca  
municipal  
barcelos



6465

Uma tarde no bairro latino